

1 Introdução

Apesar de ser um traço característico da constituição humana, a tradição de comunicação pelas imagens vem sendo potencializada por um modo de viver fortemente ligado à sua produção, difusão e consumo a partir do advento dos dispositivos e suportes digitais.

Antes de seguir, uma definição do que seja imagem. Segundo Wolff (2005, p. 20), em linhas gerais, “a imagem é a representação de uma coisa ausente, que reproduz certos aspectos da aparência visível”. Ou seja, “uma imagem *representa*, no sentido bem simples de que ela torna presente qualquer coisa ausente”, registrada, por exemplo, por meio da técnica da fotografia.

Com o fascínio da produção de imagens já tomando conta da vida em sociedade no século XIX, George Eastman vendia suas câmeras Kodak com o argumento de que qualquer um poderia fotografar. Nessa altura era possível constatar a desobrigação do peso dos primeiros equipamentos, da incompreensão dos processos técnicos rudimentares e da reserva aos especialistas e tutores dos direitos de usar os daguerreótipos e similares.

Já as tecnologias digitais, somadas à simplicidade característica das primeiras câmeras automáticas que muito contribuíram para viabilizar a fotografia amadora, reduziram ainda mais o tempo inerente ao processo e aceleraram a entrega da imagem ao fotógrafo. A imagem passava, então, a estar disponível logo após o clique e no mesmo artefato responsável pelo registro.

Nesse cenário em que novos artefatos, novas funções e novos significados geram novas perguntas, pontuamos o pressuposto de que os fotógrafos do cotidiano dispõem de um dispositivo ajustado ao seu desejo e exercício de bricolagem, à (re) invenção diária dos registros da vida: o telefone celular com câmera.

O aparelho tem a capacidade de seduzir por suas características de dispositivo híbrido e onipresente, focado na tecnologia e na potencialidade de fotografar tudo “sem custo”, a qualquer hora, no fetiche do instantaneísmo, da

portabilidade e da exibição ilimitada. Enfim, é a experiência de apertar o botão, salvar, descartar, publicar, compartilhar e ainda falar na câmera que é um celular. Ou celular que é câmera.

1.1. Justificativa

Nos últimos 15 anos, a telefonia móvel celular deixou de ocupar uma posição elitista para conquistar uma posição popular. De maneira geral e no mundo todo, esse crescimento se dá em escala inédita entre as tecnologias de comunicação (Castells, 2007).

O ranking¹ que quantifica o total de assinaturas de telefones celulares por grupo de 100 habitantes foi liderado pelos países da América do Norte até 2001, quando os membros da União Europeia passaram a colecionar os índices mais altos de teledensidade. No final de 2008 a Comunidade dos Estados Independentes (CEI²) passou a liderar o ranking e, no final de 2012, para cada grupo de 100 habitantes, 158,9 telefones celulares estavam habilitados nos países da CEI. Na Europa o índice apontava para 123,3 assinaturas, enquanto nas Américas o total era de 105,3. Nesse cenário o Brasil ocupa uma posição de destaque, os números³ apurados no final de 2012 informaram 261,78 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e teledensidade de 132,78 acessos por 100 habitantes.

Em constante atualização, esses índices não carregam apenas dados quantitativos, uma vez que a telefonia móvel promoveu grandes transformações nas interações sociais. Como bem anota Nicolaci-da-Costa (2004), o celular é um elemento-chave da vida contemporânea, na medida em que provê a mobilidade conectada, tão requerida pelos moldes da “vida líquida e nômade” da contemporaneidade midiaticizada e global (Bauman, 2001; Sodrê, 2002; Castells, 2000).

¹ International Telecommunication Union (ITU). Consulta aos dados estatísticos. Disponível em: <<http://www.itu.int>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

² Países participantes da CEI: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Ucrânia e Uzbequistão

³ Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Consulta à Consolidação dos Serviços Móveis no Brasil. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

A mobilidade comunicacional multimidiática permite, ou é usada na intenção de criar, reforçar ou manter laços e pertencimentos diversos. Reportando análise sobre celulares-câmeras, Lemos (2009, p.32) identifica que o uso desses artefatos “parece responder à necessidade de parte dos usuários de inserir suas relações num determinado contexto e também de se apropriar visualmente de seu lugar social”.

Mas até chegarmos a essa hipérbole comunicacional, mais de um século de caminhada se deu sob o signo dos registros fotográficos. A possibilidade de apropriação visual e de narrativa imagética da vida diária se expandiu a partir da década de 1880. A primeira câmera fotográfica portátil disponível para o registro cotidiano foi criada por George Eastman em 1888, quando então a Kodak realmente popularizou a fotografia. Com o slogan “Aperte o botão, nós fazemos o resto” foi apresentada a solução para registros feitos pelos próprios sujeitos, sem a necessidade de técnicas rebuscadas (Gernsheim, 1991).

Lisovsky (2008) e Sontag (2004) esclarecem que a fotografia encontrou no espírito da modernidade a condição ideal para seu surgimento e, com o rompimento da barreira da impossibilidade de compra de equipamentos pelos usuários amadores, fez fronteira com um tempo marcado pela profusão crescente de imagens. Já com o advento da imagem digital fica latente o que Santaella (2006) identificou como fim da ritualização da captura, o que torna qualquer momento fotografável.

Com a incorporação da câmera fotográfica no aparelho de telefonia celular, a potencialidade fotográfica é entregue a um número cada vez maior de pessoas, dando vazão a necessidades e desejos de registro, expressão, conexão e compartilhamento, entre outros requisitos tão centrais à midiaticizada vida atual.

Na operação dessa agregação tecnológica, o Design se coloca como um campo decisivo, pois, além de ter como tarefa a compreensão dos usos e efeitos dos objetos, as relações estabelecidas e os significados a eles atribuídos (Löbach, 2001; Bürdek, 1999), deve também se ocupar do resultado de suas apropriações, identificando os impactos nos costumes e na caracterização de novos condicionantes da realidade social. É a partir desse entendimento que colocamos a questão central desse estudo: compreender o resultado da apropriação dos objetos, especificamente o telefone celular com câmera fotográfica, identificando como se dá a experiência do sujeito com a fotografia.

Para tanto, é importante ressaltar que tratamos de condicionantes e não de determinantes.

Aspectos determinantes são aqueles que impõem algo. O determinismo tecnológico sentencia que as pessoas não são responsáveis pelas tecnologias que usam, e que a evolução tecnológica é seguida e não criada. Dialogamos com Pierre Lévy (1999, p.25), para quem

uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas [...] Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. Mas muitas possibilidades são abertas, e nem todas são aproveitadas.

Estudar a produção de imagens fotográficas registradas a partir das lentes de um dispositivo híbrido, que permite fixar olhares e transmitir vozes, é buscar entender um traço importante da sociabilidade contemporânea, marcada pela comunicação e pela busca incessante de soluções de mobilidade, portabilidade e usabilidade.

Quando Castells (2007) avalia a evolução da comunicação móvel digital e as implicações de seu uso generalizado no surgimento de um novo sistema de comunicação, o que se vê é a caracterização desse dispositivo enquanto agente transformador da vida cotidiana. Um instrumento que vem alcançando também as questões profissionais, as relações familiares e sociais, as atividades de lazer, segurança, consumo, moda e identidade.

Dentre todos os aspectos da vida modificados pela evolução da comunicação móvel digital, buscamos então contribuir pontualmente, por meio desse estudo, para o debate acerca do incremento da possibilidade de apropriação visual e da narrativa imagética da vida diária, apontando para uma análise das características próprias do uso de um dispositivo híbrido nos registros fotográficos.

A nosso ver, o desenvolvimento da comunicação em rede e a cultura da internet, combinadas com o telefone celular com câmera, interferem na experiência dos sujeitos com a fotografia, tanto no que diz respeito à captura quanto à partilha, contribuindo para a ebulição de uma narrativa imagética do cotidiano.

Nesse sentido, partimos para a pesquisa com a hipótese de que, com o advento da fotografia digital e, principalmente, a junção das câmeras aos

aparelhos de telefonia celular, o ato fotográfico se divide cada vez mais entre os momentos especiais, cercados de rituais e planejamentos específicos, conforme sedimentado ao longo dos séculos XIX e XX, e o fugaz.

Evidentemente que as circunstâncias tradicionais persistem, mas a elas, acreditamos, se soma o que poderíamos chamar de atomização do registro fotográfico, essencialmente quanto à temática. Estaríamos experimentando uma radicalização da experiência inaugurada pela era Kodak.

Acreditamos ainda que essa mudança, para além das facilidades de registro, portabilidade e manuseio via celular com câmera, decorra de um desafio enfrentado pelo design, articulando questões e determinantes nos campos do marketing, economia, cultura, comunicação, entre outros.

As mudanças resultantes da junção câmera-celular que, como predizemos, atomiza os registros e democratiza ainda mais a ação fotográfica, fazem surgir uma forma de expressão peculiar, devido, principalmente, à ampliação dos temas fotografados.

Com pautas menos definidas por rituais, comemorações e ocasiões especiais, acreditamos que as preocupações narrativas das fotografias geradas com o celular estejam mais vinculadas ao valor da informação capturada e à sua exibição em variados suportes e conexões sociais/afetivas.

1.2. Objetivos e percurso

Nosso principal objetivo é identificar como se dá a experiência do sujeito com a fotografia por meio da apropriação do telefone celular com câmera. Investigamos, portanto, a prática fotográfica cotidiana a partir das implicações que resultam da proliferação do telefone celular enquanto dispositivo de captura fotográfica.

Para tanto, ressaltamos que tais implicações começam a nos interessar já na escolha do aparelho. Compreendemos a imagem fotográfica como resultado da interação do sujeito em determinado contexto, interação esta mediada pelo objeto. Sendo assim, identificar a escolha dos dispositivos, dos instrumentos pelo qual o

ato fotográfico se concretiza, nos permite compreender os caminhos que levam à escolha do telefone celular como objeto da prática fotográfica cotidiana.

Nosso segundo objetivo específico é averiguar a hipótese de que os celulares com câmera intermediam o incremento de uma prática fotográfica vinculada ao fugaz, a momentos cada vez menos cercados por rituais, comemorações ou ocasiões especiais.

Buscamos também perceber o que acontece depois que os objetos passam a circular no mundo por meio da prática fotográfica com o telefone celular, identificando as ações pré e pós-captura fotográfica e suas motivações.

Por fim, objetivamos explorar os usos do artefato no ato fotográfico em si, identificando assim seus impactos nos costumes e as características dessa produção de imagens fotográficas.

O caminho teórico, percorrido na investigação do problema proposto, é iniciado na conceituação de que o diálogo pelas imagens vem sendo potencializado por um modo de viver ligado à mediação das relações sociais. Para tanto, iniciamos o segundo capítulo, que aborda a constituição de um cotidiano cada vez mais permeado por imagens, identificando o conceito de cotidiano que interessa nesse estudo, a partir das considerações de Michel de Certeau. Algumas marcas culturais da atualidade são nomeadas nesse capítulo, para tanto, recorreremos principalmente a Pierre Lévy, Manuel Castells, André Lemos e Guy Debord, objetivando identificar os aspectos próprios da cibercultura, ou aqueles potencializados por esta cultura digital, que ajudam a formar a base para o alargamento da interface pelas imagens, como a conectividade, a mobilidade, a publicização e a espetacularização.

No terceiro capítulo, discutimos como o cotidiano vem sendo capturado por meio da fotografia desde seu surgimento. Apresentamos um breve registro da história da técnica fotográfica e seus usos no cotidiano, sem, no entanto, realizar uma análise crítica da imagem. Abordamos a fotografia como elemento que revolucionou a memória, situamos as principais marcas do fazer fotográfico na transição para a tecnologia digital e ressaltamos as características fundamentais do artefato que motivou este estudo, o telefone celular com câmera fotográfica.

No quarto capítulo apresentamos o percurso metodológico percorrido para investigar as questões motivadoras desse estudo. Realizamos uma pesquisa com usuários de telefones celulares no Brasil e em Portugal, por meio da aplicação de

um questionário comum. Foram investigadas as motivações, as práticas de uso da câmera do aparelho e a destinação dada às imagens entre 347 brasileiros e 28 portugueses.

A possibilidade de inclusão dos portugueses na pesquisa surgiu durante a realização do PDEE⁴, junto ao Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta, em Portugal. A experiência naquele País foi importante para ampliar a compreensão dos métodos de investigação antropológica no âmbito desse estudo, a partir de questões próprias dos meios tecnológicos. Além disso, quando foi realizado o estágio, Portugal ocupava juntamente com a Itália a 3ª posição entre as nações europeias líderes mundiais em teledensidade, com mais de 150 acessos para cada grupo de 100 habitantes, e a 5ª posição mundial atrás apenas de Montenegro (192), Hong Kong (189), Grécia (180) e Arábia Saudita (169). O Brasil ocupava a 25ª posição nesse ranking⁵.

O crescimento da comunicação celular móvel é observado em escala global, entretanto segue ritmos diferentes no mundo todo por diversos motivos. O desenvolvimento econômico, as estratégias e a estrutura técnica da indústria, além das políticas públicas, são fatores decisivos na difusão dessa tecnologia de comunicação e respondem por muitas das variações (Castells, 2007). Os componentes observados na Europa e na América Latina, que distinguem o crescimento da telefonia celular no Brasil e em Portugal, compunham então o cenário para a reflexão sobre os usos que os sujeitos fazem da fotografia vinculada à comunicação móvel, também a partir de contextos socioculturais específicos.

O contato com as informações fornecidas pelos respondentes portugueses adicionou ao estudo, mesmo de forma secundária e não aprofundada, aspectos interessantes da diversidade da experiência humana com nosso objeto e, portanto, optamos por mantê-los.

O intercâmbio com pesquisadores de contextos socioculturais e institucionais (cultura universitária) distintos, com percursos de investigação próprios, favoreceu a abordagem multi e interdisciplinar a que se refere Ribeiro (2005), quando sustenta um estudo do discurso visual constituído pela

⁴ PDEE é o Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior, realizado entre outubro de 2011 e agosto de 2012 com bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma fundação do Ministério da Educação (MEC).

⁵ Eurostat. Consulta aos dados estatísticos. Disponível em:
< http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Telecommunication_statistics >
Acesso em: 25 fev. 2011.

antropologia visual, sociologia da cultura, semiótica, filosofia da linguagem e tecnologia. O que nos fez ampliar alguns aspectos teórico-metodológicos e conceituais da pesquisa.

Participar das atividades do Laboratório coordenado pelo professor José Ribeiro significou, no âmbito do conhecimento das ciências sociais e da comunicação, reforçar algumas temáticas da imagem e da cultura visual no âmbito do estudo. Nos permitiu entrelaçar referências, vislumbrar novas interpretações e investigar a prática fotográfica via telefone celular a partir do contato com dois países de língua portuguesa.

Retomando a exposição do conteúdo, no quarto capítulo deste estudo detalhamos como se deu a escolha dos participantes, o procedimento para a coleta de informações, o tratamento dos dados, a descrição da amostra obtida e os grupos estabelecidos para a apresentação dos dados.

O quinto capítulo é dedicado à apresentação dos resultados, a partir de três grandes grupos temáticos: a captura da imagem fotográfica, as ações pós-captura e o agrupamento de todas as etapas, a partir dos relatos sobre a última foto gerada via celular. Nas questões que apuram a captura da imagem fotográfica são apresentados dados sobre todos os aparelhos utilizados para fotografar, sobre aqueles utilizados com mais frequência, e a relação que pode ser estabelecida entre a escolha do artefato e os temas fotografados.

As ações pós-captura abordam memória, edição e compartilhamento, apontam o destino dado às imagens geradas via celular, os espaços utilizados para que as imagens circulem na internet e, em que medida são realizadas edições nessas imagens. Nessa seção incluímos as características de uso da função vídeo dos telefones celulares, no âmbito do uso, da memória e do compartilhamento.

Na última parte desse capítulo é observado o agrupamento de todas as etapas, pré e pós-captura. Estão explicitadas, a partir do uso efetivo da câmera do telefone, dados sobre os temas fotografados, a frequência de uso do aparelho, o que motivou a captura da imagem e a destinação dada à mesma, incluindo aí a questão do compartilhamento na internet. Na sexta parte, inserimos as principais conclusões da pesquisa.

Importante salientar que esta apresentação monográfica privilegia os conteúdos inéditos das averiguações empíricas, articulando-os a um texto de

revisão teórica que, a despeito da densidade das leituras e consultas, não se deteve para além do pertinente à compreensão das condicionantes do objeto de estudo.

Resta dizer que esta não é uma pesquisa sobre imagens ou tecnologia. Trata-se de um estudo sobre novos protocolos comunicacionais estabelecidos pela invenção de um cotidiano marcado por imagens e tecnologias. Sendo assim, concebemos que explorar os usos e efeitos de artefatos, e identificar seus impactos nos costumes e caracterização de uma nova realidade social se configuram como um desafio aos pesquisadores da área do Design e sua interseção com a Comunicação.